

Em
trânsitoO espectáculo "Ptolomeu
e a sua viagem de circun-
navegação", do Teatro
Art' Imagem, vai encerrar
no dia 8 a 2ª edição doFestival Ibero-Americano
de Teatro de São Paulo,
Brasil, organizado pela
Fundação Memorial da
América Latina.

Luna Park

No cinema



Inês Nadais

Tem de ser possível voltar a haver salas de cinema com cadeiras de napa vermelha, salas de cinema enormes com um tipo a fumar na primeira fila, uma tipa a comer fruta na última fila e dois senhores que sabem quais são as melhores técnicas para fazer prodigiosas deduções fiscais mesmo nos lugares à nossa frente - salas de cinema como aquela onde estivemos sentados no sábado, em Vila do Conde, na Malásia (embora os senhores dos lugares à nossa frente, com a sua conversa fiada sobre prodigiosas deduções fiscais, quase nos tenham feito pensar que a Malásia é uma sala de cinema em Portugal).

Fomos ao cinema na Malásia, em Vila do Conde, com o rapaz dos filmes do Tsai Ming-liang (da primeira vez que estivemos na mesma sala que ele, não era um cinema malaio em Vila do Conde: era um restaurante chinês no Porto, e ele passou o tempo todo a dormir com a cabeça em cima da mesa, a poucos centímetros da galinha com amêndoas). Não era uma sala de cinema como aquelas que tínhamos visto na Ásia (mas noutro continente, o indiano): era uma sala de cinema como aquelas que tínhamos visto em Portugal, mas agora é tarde de mais para falar nisso (ainda há salas dessas, mas transformaram-se em vídeo-instalações).

Na Índia, esse país que todas as telenovelas agora descobriram (ah, que vontade de ser mais uma a falar, se calhar mal mas pelo menos a falar, de "Quem Quer Ser Bilionário?", só que para isso era preciso ter visto o filme) como se tivessem descoberto a pólvora (e não é verdade, a Índia não é menos do que isso), o cinema parecia ter acabado de chegar, mesmo sendo aquilo o Outono de 2004. Havia casos em que tinha mesmo acabado de chegar - e também aí, a milhares de quilómetros da crise de espectadores do mundo ocidental, tivemos uma sala de cinema só para nós e para o senhor Malik, a sabe-se lá quantos quilómetros da cidade mais próxima (mas parte da cidade tinha visto ver: não o filme, mas a rapariga alorada e o rapaz careca, o tipo de "blockbuster" que nunca estará em crise no mundo não-ocidental). Era quase tão

impressionante como a sala de jantar do senhor Malik, mas sem os tigres embalsamados e os empregados do tempo em que ainda havia império (a comida era ótima, claro, mas não estávamos habituados a tanta assistência, e nunca tínhamos visto os gas daquele tamanho, o que muito divertia o senhor Malik).

Quando entrámos, a meio, o governador da Califórnia andava a explodir camiões - e o senhor Malik, que já tinha visto aquele filme, continuava tão espantado como se fosse a primeira vez - e a seguir começou um filme que nunca mais acabava, e que nos perseguiu até ao fim desse mês. Estávamos quase a escapar com vida, mas dois dias antes de nos metermos num avião de Bombaim para Paris metemo-nos num avião de Varanasi para Bombaim e o nosso agente Ravi Kishan (um rapaz com duas filhas que anos mais tarde foi expulso em grande do "Big Brother" indiano) apanhou-nos nos lugares da janela. Foi assim que conhecemos (e tivemos um autógrafo, porque ele fazia questão, sobretudo depois de saber que nunca mais tínhamos conseguido dormir depois de ver um filme em que ele começava bem, mas acabava mal) um actor de Bollywood. Temos a sorte de isso nos ter acontecido muito antes do filme do Danny Boyle.

«Ladrões de Almas» também, porque é o ponto em que eu estou agora. A peça mudou desde a primeira versão porque incluímos a lembrança da Madalena Victorino, que originalmente estava apenas no filme que acompanha o espectáculo, e porque tivemos de substituir duas intérpretes. A Anabela Sousa e a Vera Santos trouxeram qualquer coisa delas ao trabalho», explica.

Agora que se vê ao espelho e está 20 anos mais nova, há coisas em que se reconhece e há coisas em que não se sente na pele dela: «Nesta retrospectiva incluí duas partes dos 'Mecanismos' e isso foi muito curioso. Enquanto o 'Mecanismos' é um trabalho que ainda hoje tenho a sensação que poderia fazer, já não sinto o mesmo em relação ao 'Intensões'. Tem um lado 'naïf' que vem muito dos primeiros tempos e que tem pouco a ver com o que faço agora.»

Depois de "Mecanismos" (hoje, às 21h30), a retrospectiva Joana Providência faz um salto quântico de 15 anos - passando por cima de "In-Vitro" (1992), "Zaap!" (1999), "Causa / Efeito" (2000) e "Pioravante Marche" (2003), algumas das criações mais significativas da coreógrafa - e aterriza em "Mão na Boca" (2004), encomenda da Fundação de Serralves que integrou o programa paralelo à grande exposição de Paula Rego.

Há um antes e um depois desse encontro imediato com o universo de Paula Rego, admite: «Depois de o 'Mão na Boca' estar feito, senti que me tinha levado para um trabalho de movimento bastante diferente de tudo o que eu tinha feito até ali. Trouxe-me uma organicidade, e até mesmo uma visceralidade, que enriqueceu muito a minha linguagem coreográfica.»

Se tivesse de levar um dos seus espectáculos para a ilha deserta, era este: «Os intérpretes foram muito longe e isso foi muito enriquecedor. Mas também me marcou por causa da Paula Castro: foi o último espectáculo que fiz com ela [morreu em Janeiro de 2007], e a energia dela ainda está muito presente.»

A vídeo-instalação "Textos Secretos" - uma encomenda do Festival Internacional de Marionetas do Porto, em 2006, em que a coreógrafa cruzou as histórias de amor de cinco casais com o universo visual dos lenços de namorados - e a peça "Ladrões de Almas" (2008) completam esta volta a Joana Providência em três dias. Para ela, é uma viagem de reconhecimento: «Há pessoas que me dizem que, olhando para o primeiro espectáculo, já se via o tipo de movimento que eu ia acabar por fazer. Eu não consigo olhar para estes três trabalhos e fazer essa leitura de conjunto. Mas desde o início há um desejo: que o movimento tenha como impulso qualquer coisa que ultrapasse e supere a sua própria forma. Essa vontade de que o movimento seja humano existe desde o meu primeiro espectáculo.

Não era uma sala de cinema como aquelas que tínhamos visto na Ásia: era uma sala de cinema como aquelas que tínhamos visto em Portugal, mas agora é tarde de mais para falar nisso